

O TOM CONFSSIONAL NAS MÚSICAS DE TIM MAIA

João Batista Gomes de OLIVEIRA¹

Carlos Alberto Ramos NEVES²

Jane Adriane GANDRA³

RESUMO

O presente artigo intitulado “O tom confessional nas músicas de Tim Maia pretende destacar e discutir as questões de solidão e desilusões amorosas dentro de duas composições de Tim Maia, “Ninguém gosta de se sentir só” do álbum musical *Nuvens* e “Azul da cor do mar”. A primeira vista entendemos que as músicas sobre o tom confessional foram inspiradas e escritas por um Tim Maia melancólico e frustrado, sem nenhuma relação com aquele espírito brincalhão e piadista que ele se mostrava na maior parte do tempo. Para Tim, a solidão pode significar algo ruim, no entanto ela é que desencadeava a fonte de inspiração para sua composição musical.

Palavras- chaves: Tim Maia. Música. Tom Confessional. Solidão. Mar.

ABSTRACT

This article entitled "The confessional tone in Tim Maia music" aims to highlight and discuss the loneliness issues and heartbreak within two compositions of Tim Maia, “Nobody likes to feel alone” Clouds Musical Album and "Blue like the sea ". At the first glance we understand that the songs on the confessional tone was inspired and written by a melancholic and frustrated Tim Maia, without any relation with that playful spirit and jokester he showed most of the time. To Tim, loneliness can means something bad, however it is what triggered the inspiration for his musical composition.

Keywords: Tim Maia. Music. Confessional tone. Loneliness. Sea.

¹ Acadêmico da Especialização Lato Sensu em Estudos Literários da Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Posse. E-mail:marcelojb9@gmail.com

² Acadêmico da Especialização Lato Sensu em Estudos Literários da Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Posse. E-mail:carlosnevesbm@gmail.com

³ Orientadora deste artigo e Professora Doutora da Universidade Estadual de Goiás. E-mail: jaggandra@ig.com.br

TIM MAIA, A LENDA DO SOUL⁴ BRASILEIRO

Sebastião Rodrigues Maia (1942-1998), mais conhecido pelo nome artístico de Tim Maia, nasceu e cresceu no bairro da Tijuca no Rio de Janeiro. Antes de qualquer julgamento prévio sobre a sua obra e a vida é preciso navegar nesse imenso mar azul que foi a sua história de compositor e cantor brasileiro, para ter a dimensão do grande legado que deixou.

No início de tudo, encontramos um menino rechonchudo de uma família numerosa, pois ele era o décimo oitavo filho. Seu pai tinha uma pensão, que fornecia marmitas e quando movimento aumentava, Tim tinha que ajudar, fazendo entregas por todo o Rio de Janeiro.

A infância não foi nada fácil, Tim não escapara dos apelidos maldosos, o mais popular deles era “Tião Marmiteiro”. No entanto, o menino desengonçado e gorducho descobrira ainda muito cedo o seu talento para música. Tim adorava cantar no coral da igreja, e sua voz alta e grave se destacava, conforme Nelson Mota (2007).

À medida que dedicava tempo a cantar, a fazer batucadas com os amigos, não lhe sobrava tempo para comparecer aos empregos que conseguia.

Além de cantar, comer e passear pela cidade, Tião adorava batucar. Em qualquer lata que aparecesse em qualquer objeto que produzisse algum som, ele fazia um samba, um baião ou um mambo. Seu Altivo gostava, achava que o filho tinha muito ritmo, e teria lhe dado a bateria que tanto pedia se seus poucos recursos permitissem (MOTTA, 2007, p.8).

Contudo, o seu temperamento inconstante, inquieto e explosivo, não parecia impedi-lo de cantar e fazer músicas, pelo contrário eram incentivos. Como se vê no fragmento acima, apoio nunca faltou em casa, seu pai foi seu grande incentivador em relação à música. Ele adorava vê-lo cantar e tocar, e isso foi sempre determinante para encorajá-lo a se tornar músico.

OS ALTOS E BAIXOS NA CARREIRA ARTÍSTICA

Tim Maia iniciou sua carreira artística aos 14 anos de idade como baterista do grupo *Os Tijucanos do Ritmo*, grupo que teria pouco tempo de vida, em um ano chegaria ao fim.

⁴ Cf. *Dicionário Longman*, 2009, p. 340. *Soul music* na tradução literal seria música da alma. É um gênero musical dos Estados Unidos que nasceu do *rhythm and blues* e do *gospel* durante o final da década de 1950 e início da década de 1960 entre os negros.

A primeira banda musical que ele montou foram os “Tijucanos do Ritmo”. Nessa época, ele era o vocal e também o baterista. A banda não durou muito tempo, pois o temperamento rebelde e difícil de Tim contribuiu aos poucos para pôr fim do grupo.

Logo depois, no ano de 1957, ocorre a parceria com os amigos, Jorge Ben Jore Roberto Carlos com “Os Sputniks”. O grupo até que chegou a se apresentar em igrejas e fora convidado para tocar num programa local, mas, novamente, a ideia da banda não decolou, devido a uma discussão de Tim com Roberto Carlos. Segundo Nelson Motta (2007), já dos poucos amigos que fizera na juventude, Erasmo Carlos era um destes, com ele fez parcerias, cantou músicas e produziu. A música “Haddock Lobo Esquina Com Matoso” reconta a origem desse grupo musical, citando os nomes dos componentes e ressaltando a importância de cada um.

O tempo passava e o sucesso e o reconhecimento não vinham. Foi então que Tim decidiu ir morar nos Estados Unidos, mesmo sem saber falar uma palavra em inglês. Uma canção que retrata bem a trajetória e sentimentos de Tim durante sua passagem por lá é “

Neves no Parques”.

Vivendo muito tempo num lugar estranho
A gente tem medo de pensar, que não volta pra casa nunca mais... Eis aqui um Tim que externa seu temores, medo de não voltar a ver o país que nasceu
Um dia desses eu sofri mais uma vez
Me pareceu ouvir de novo a sua voz...
Há momentos em que a dor é tão grande que ele chega a ouvir vozes...
Esqueci tudo o que me trouxe
Pra essa terra de neves e parques
Comprei uma passagem no primeiro avião voltei
E em devaneio ele já não se lembra mais o porquê de estar ali, e o desejo de voltar o faz viajar nos pensamentos.
 Eu vim amar
 E encontrei o seu sorriso à me esperar (MICHEL; MENDONÇA, *O descobridor dos sete mares*, 1983, grifo nosso).

Apesar de a música acima não ser uma composição de Tim, fora baseada em seus relatos e biografia. Assim, sem dinheiro e sem destino certo, a experiência nos Estados Unidos foi intensa e conturbada. Lá ele se apaixonou, viciou-se em drogas e se meteu em confusão. Foi deportado sob a acusação de roubo e porte de maconha, segundo informações disponibilizadas no site *Pára-choque de caminhão*. Embora os anos passados nos Estados Unidos tenham tido um desfecho intenso e humilhante, foi nesse período que Tim conheceu o *Soul Music* na

pequena cidade de Tarrytown⁵. Assim, toda essa convivência com ritmos atuais fez com que *Jimmy, the Brazilian* – como era chamado Tim pelos amigos gringos – adotasse e adaptasse, aprimorando a cada dia, o *blues* americano ao seu estilo musical. Foi nessa época ainda que ele teve contato com instrumentos e aparelhagem de altíssimo nível. E, a partir de então, Tim não descansou, perseguindo a batida perfeita.

Dentre alguns sucessos e parceiras na terra do tio Sam, podemos citar, “New Love” – música que compôs com o americano Roger Bruno⁶. No ano de 1976, o lançamento de um disco praticamente em inglês demonstra toda a levada Soul Funk adaptada ao estilo brasileiro.

“With no OneelseAround”, “ToFall in Love”, “Only a Dream”, “I Love you Girl” são algumas dessas produções em língua inglesa que citamos, com parceria de Tim Maia, Reginaldo Francisco e Paulo Ricardo. Mas de todas as canções em inglês, a composição que mais se destacou foi “These Arethesongs”⁷. No ano de 1969, Tim foi convidado a gravar um dueto com Elis Regina, que estava no auge da fama. A proposta era gravar em seu disco uma de suas canções em inglês, “These Are The Songs”. No texto de Nelson Motta (2007), o sucesso desse projeto foi absoluto, pois a voz melodiosa e aguda de Elis contrastou com o grave de Tim Maia.

De volta ao Brasil, sem dinheiro e sem ter onde morar, Tim pede abrigo a um cantor paraguaio, Juan Senon Rolón, cujo nome artístico era Fábio Stella. Contudo, o apartamento do amigo era um entra-e-sai de gente, principalmente de meninas atraídas pelo sucesso do artista estrangeiro. Aquele movimento intenso de jovens lindas mexeu muito com o emocional de Tim, que era sempre preterido pelas mulheres. Por diversas noites, ao som de muitos risos e gemidos, o jovem Maia se consolava ligando o gravador e cantando tão alto, com tristeza e raiva. Como veremos mais adiante deste artigo, os episódios de sua vida estão muito relacionados à sua produção musical, como por exemplo, a canção “Azul da Cor do Mar” (1983).

O grande gênio do soul brasileiro com sua voz grave e potente impunha respeito, disso ninguém tinha dúvidas. Mas o que poucos sabiam é que, no processo criativo, Tim era

⁵ Tarrytown é uma cidade pequena de pouco mais de 11 mil habitantes, cerca de 40 quilômetros ao norte de Nova Iorque. Nessa época, havia uma explosão efervescente desse ritmo.

⁶ Cf. Motta, 2007, p. 35-36. Roger Bruno também foi parceiro na banda *The Ideals*, no período em que Tim viveunos EUA.

⁷ Disponibilizamos um pequenotrecho da música *These are the songs*: These are the songs/I wanna sing/These are the songs/I wanna play/I will sing it every (little) time/And I will sing it every day /Now listen here/ These are the songs/That I wanna sing and play. **Tradução nossa:** Esta é a canção que eu vou ouvir/Esta é a canção que eu vou cantar/ Fala de você, meu bem/ E do nosso amor também/ Sei que você vai gostar

extremamente desorganizado, escrevia em qualquer pedaço de papel que encontrava quando a inspiração chegava. Muitas vezes, suas composições surgiam embaladas pelo efeito de álcool e do sentimento de frustração e solidão. Como veremos à frente, a solidão e as decepções amorosas serão uma temática frequente nas músicas que escrevia.

Apesar de Tim Maia ser dono de um espólio musical interessante, criativo e irreverente, não há muitos estudos dedicados na análise dessas composições. Pouco se sabe sobre as músicas que fez e/ou interpretou. Por exemplo, desse universo está a interpretação do inusitado xaxado “Coroné Bento Antônio”, de autoria de João do Vale⁸. Tim teve a brilhante ideia de unir um ritmo genuinamente brasileiro com a levada soul, ou seja, ele inovou de tal forma que o público pode experimentar algo novo sem abrir mão das suas origens.

Como dito anteriormente, a experimentação de novos ritmos e baladas era uma mania de Tim. Iniciada por brincadeira, a banda tocou esta música que viria a se tornar o primeiro soul brasileiro. No meio dos ensaios, ao ouvi-la, Tim Maia adorou. Essa música deu tão certo com a nova roupagem dada por Tim, que acabou se tornando um de seus maiores sucessos. O tempo passou e ninguém duvida que Tim foi e sempre será um dos mais talentosos artistas da música brasileira. No dia 8 de março de 1998, ao cantar a primeira música em um show no Teatro Municipal de Niterói, no Rio de Janeiro, sofreu um edema pulmonar seguido de parada cardiorrespiratória. Ficou internado no CTI do Hospital Antônio Pedro durante sete dias e faleceu no dia 15, de infecção generalizada, aos 55 anos. Em sua eterna ironia, ele se definiu com uma frase que entraria para a História: “Não fumo, não bebo e não cheiro. Meu único defeito é que minto um pouco”.

A POESIA CONFESSIONAL

O gênero confessional reuni muitas formas literárias, como o diário e as memórias. Embora estes tipos textuais existam há bastante tempo, eles eram considerados como subliteratura. Contudo, na atualidade, “[...] estamos vivendo num tempo, no entanto, em que as formas narrativas menos tradicionais vêm ganhando espaço no gosto da maioria dos leitores e passam a receber atenção especial por parte da crítica” (MACIEL, 2008, p.1).

As produções artísticas ligadas ao intimismo ou confessionais são um tipo de arte que expressam um desabafo como meio de purificação. Contudo, no momento em que o artista denuncia a sua dor, por outro lado, vai se estabelecendo uma relação de identificação com o público. Conforme Martins,

A literatura de cunho íntimo, confessional e subjetiva, é aquela que mais se aproxima do leitor, pois está centrada no sujeito, fala de um eu que tenta desnudar a sua vida, se revelar, estabelecendo, assim, um elo íntimo entre autor e leitor. As narrativas de introspecção são compostas por diferentes gêneros literários, que muitas vezes mesclam ficção e realidade (MARTINS, 2013, p.126).

Assim, alargaram-se as possibilidades de se conhecer a as crises existenciais dos autores, em sua consciência e inconsciência, são que determinam o ritmo e os temas a serem tratados. Podemos extrair do objeto de arte, fragmentos ou temáticas que se originaram da memória ou do turbilhão de emoções, pelo qual passava o artista. Nesse sentido, a

consciência individual é, pois, central na literatura confessional. O estilo das obras costuma ser divagante e emocional (concretizado mais frequentemente na narrativa) visto que o discurso decorre de um entendimento da personalidade como um feixe de contradições e de paixões. Esta paixão individualista encontra-se sobretudo no confessionalismo romântico patente em todas as literaturas europeias em que a expressão do *eu* afirma muitas vezes uma personalidade e um modo de vida em luta com a sociedade. Este entendimento do confessionalismo irá criar uma tradição contestatária (por vezes com laivos antiburgueses) cuja manifestação mais evidente é a do herói romântico, figura do rebelde sujeito a situações e a emoções extremas (CEIA, s.d, s.p).

Neste ponto, as lembranças do passado e as reflexões existenciais estão no comando da criação artística, que passa a ser festa passa a ser um produto advindo do seu processo de catarse, ou seja, tanto o que se produz quanto o que aprecia seriam ajudados na medida em que assumem os seus conflitos e dificuldades, tentando ajustá-los à sua realidade.

CONFISSÕES DE UM INCOMPREENDIDO E SOLITÁRIO

Especificamente nas obras musicais compostas por Tim Maia, constatamos que a solidão é uma temática recorrente. E parece que, somente por alguns relatos pessoais e de seus companheiros, sua vida era bastante cheia de dramas e decepções, elementos essenciais para a inspiração e criação artística.

Tim era um homem eternamente apaixonado, mas que não teve muito sucesso no amor. As mulheres que amou sempre o preteriam por rapazes mais bonitos e fortes. Depois de muitas decepções e traições, o espírito do poeta estava preparado para cantar a sua dor. Outra

particularidade biográfica presente nas músicas que compunha era sobre o seu gênio temperamental.

Minha mãe sempre dizia⁸

"Vai chegar o dia que você vai ficar só"

Porque eu tenho um gênio forte

Sou um pouco abusado

E com fama de brigão (MAIA, *Ninguém gosta de se sentir só*, 1982)

Tim tinha consciência que não era um sujeito fácil de lidar, isso fica bem claro em “Ninguém gosta de se sentir só”. Essa música foi gravada no ano de 1982 e está presente na oitava faixa do álbum *Nuvens*, lançado pela Seroma⁹. A capa do disco traz uma foto de Tim sorrindo com o mar ao fundo.

Em relação ao mar, imagem tão recorrente nas canções e capas dos discos, compreendemos que ele representa de forma singular a alma inquieta/calma desse artista emblemático e problemático. Segundo o *Dicionário dos Símbolos*, o mar simboliza um estado transitório entre as possibilidades ainda informes a realidades configuradas, uma situação de ambivalência, que é a incerteza de dúvidas, de indecisão e que pode se concluir bem ou mal (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2003, p.592). Nesse sentido, as características do mar se confundem com temperamento oscilante e intempestivo de Tim, que ora se apresenta como águas revoltas e agitadas e em dado momento como águas tranquilas e serenas. Além disso, o sentido de melancolia que o mar representa não se pode esquecer.

Quanto ao gênero, para nós, “Ninguém gosta de se sentir só” é uma balada”, porque narra a tragédia pessoal do artista. Conforme Massaud Moisés (2004), o conceito de balada é

[o] cantar de feição narrativa, [que gira] ao redor de um único episódio de assunto melancólico, fantástico ou sobrenatural. Na verdade trata-se de “forma literária mista”, pois reúne elemento de poesia dramática e lírica, bem

⁸ As músicas “Ninguém gosta de se sentir só” e “Azul da cor do mar”, objetos de nossa análise, serão interpretadas no formato original da composição. Aproveitando, dessa maneira, o espaço que dispúnhamos para discussão neste artigo.

⁹ Seroma foi uma gravadora independente criada por Tim Maia e significa o anagrama das iniciais do seu nome (Sebastião) juntamente com a palavra amor.

como uma breve canção histórica (era normalmente cantada) (MOISÉS, 2004, p.49).

Embora a letra da música tenha expressões melancólicas, como os versos “Desde cedo que eu sofro” e “pego os filmes pelo meio”, a melodia é totalmente alto astral e dançante. Diante disso, concluímos que o eu-lírico ironiza e, de maneira irreverente, debocha de suas dificuldades de lidar com o outro.

Nessa música, o compositor ainda discute os sentidos de *se sentir só* e *sentir a sós*, ideia apresentada e reforçada no estribilho.

E por isso
 Às vezes me sinto só
 Mas vou tentar mudar
 E partir pr'uma melhor
Ninguém gosta de se sentir só
Todos querem se sentir a sós
 Ninguém gosta de se sentir só (MAIA, *Ninguém gosta de se sentir só* 1982, grifo nosso).

O primeiro é um estado imposto e excludente e já no segundo caso, ele é desejável, porque geralmente o artista precisa estar só no momento de criação. A solidão é uma temática muito presente em suas composições. Ela sempre é mostrada como consequência de um amor não correspondido ou de uma traição.

No fragmento a seguir, há o tom melancólico de um homem sucumbido pela incapacidade de mudança que parece alternar por uma voz que tenta ressaltar outras qualidades, “ser gente de bem”, que amenizariam, a seu ver, o “gênio forte” “abusado” e a “fama de brigão.

Nem por isso
 Deixo de ser gente de bem
 Mas me criticam
 São os grilos que se tem
 E por ter um gênio forte

Às vezes me batem portas

E me jogam pra escanteio

Mas já estou acostumado (MAIA, *Ninguém gosta de se sentir só* 1982)

Quanto à linguagem empregada, há o uso de coloquialismo “pra” e expressões “como pego filmes pelo meio”. Já o estilo confessional é confirmado pelo emprego de pronomes relativos à primeira pessoa “eu” e “me”, como também a conjugação verbal “vou” “sofro”.

Desde cedo que eu soffro

Pego os filmes pelo meio

E por isso

Às vezes me sinto só

Mas vou tentar mudar

E partir pr'uma melhor (MAIA, *Ninguém gosta de se sentir só* 1982).

Concluindo, o eu-poético se percebe solitário, incompreendido pelo mundo, diferente das outras pessoas, desde muito cedo. Contudo, ele parece tentar usar o seu dom musical em favor de uma reviravolta na vida. Além disso, “emparedar o sofrimento é arriscar-se a se deixar devorar por ele, por caminhos confusos e insensatos. Que a força do que não se exprime é implosiva, devastadora, autodestruidora” (KAHLO, *apud* SANDER, 1985, p.38), pois expressar é o início da libertação.

Na outra canção “Azul da cor do mar”, encontramos um eu-poético que, angustiado, parece sufocado pelas pressões da vida: a solidão, a rejeição e as dores dos amores não correspondidos.

Segundo Nelson Motta (2007), o momento da composição da música "Azul da Cor do Mar" foi bastante curioso e fantástico. Nessa época, Tim Maia morava com seus amigos cantores Glauco e Fábio. Estes dois eram bastante conhecidos, e tinham uma vida boêmia intensa e com muitas mulheres. Por outro lado, Tim estava sem dinheiro, não tinha a aparência de homem boa pinta, era gordo e nunca “pegava” ninguém, adotando a gíria da época.

Um dia sozinho no apartamento do amigo, nostálgico pelas dificuldades que estava passando, resolveu dormir no quarto de Glauco. Ali sentiu ainda o cheiro das mulheres, de sexo. Olhando o pôster de uma morena na parede do quarto, compôs a música "Azul da Cor do Mar", música que seria o carro chefe da sua história musical. Ao mostrar a música feita para o amigo

Fábio, este, muito surpreso com a qualidade do material, comentou: “Mermão! tú acabou de fazer a música da tua vida!” (ROLÓN, 1970, *apud* MOTTA, 2007, p.57). A música fala sobre a solidão do compositor, dos momentos difíceis pelo qual estava passando. Era contraditório para ele, estar em plena juventude e virilidade e se vê ali sem dinheiro, sem amor, sem a vida que sempre almejou: “Ah! Se o mundo inteiro me pudesse ouvir/ Tenho muito pra contar/ Dizer que aprendi” (MAIA, *Azul da cor do mar*, 1970). Nesses trechos, percebemos a necessidade de Tim expor seus sentimentos de forma visceral, aliviando assim o peito de algo que o sufoca.

Já no trecho,

E na vida a gente tem que entender
Que um nasce pra sofrer
Enquanto o outro ri (MAIA, *Azul da cor do mar*, 1970).

Tim estabelece um dualismo indicado no verso "enquanto um chora o outro rir", de maneira harmônica, mas antagônica de sentido.

Continuando,

Mas quem sofre sempre tem que procurar
Pelo menos vir achar razão para viver
Ver na vida algum motivo pra sonhar
Ter um sonho todo azul
Azul da cor do mar (MAIA, *Azul da cor do mar*, 1970).

Já no trecho "mas quem sofre tem que procurar pelo menos vir achar razão para viver ", percebemos que o eu-lírico não se dá por vencido e canaliza a sua desilusão como fonte de inspiração para a música. Além disso, o azul nos últimos trechos parece representar um estado de espírito otimista, diferente do sentido do *blue* norte americano, que remete ao triste e melancólico. Nesse aspecto, o sonho passa a ser a possibilidade de válvula de escape, pois apesar das opressões da vida é nele em que tudo é realizável.

Daí compreendermos que a inspiração musical parece ser desencadeada por uma decepção amorosa e ou recalque.

Diferente da primeira música “Ninguém gosta de se sentir só”, o ritmo é mais cadenciado, atribuindo à canção um tom melancólico. Diante do apresentado, percebemos

claramente que o artista deixa fluir todo seu sofrimento interior. Contudo, não existe nas duas músicas que fez nenhum tipo de resignação.

CONCLUSÃO

É do conhecimento público que Tim Maia era dono de uma voz grave e potente, mas também era um artista polêmico, que acumulou processos e desafetos dentro e fora do mundo artístico. Há episódios em sua trajetória de cantor que denunciam o fato recorrente de não honrar seus compromissos de shows, por estar bêbado ou fazendo uso de entorpecentes.

Pelo menos é esta imagem que é reproduzida, sem qualquer tipo de revisão ou amenização. Contudo, pouco se sabe ou tenha sido falado que Tim era um cara muito extrovertido e de um senso de humor extraordinário. Ele adorava imitar os outros, dono de um coração generoso, amava animais e contribuía para manutenção de um orfanato com quarenta crianças. Esses relatos vêm de pessoas que mantiveram um contato pessoal com o cantor, como o amigo íntimo e parceiro musical Hyldon de Souza Silva.

A maioria das músicas que fez, ele foi embalado por um estilo confessional. Nessas, Tim mescla recordações do passado e experiências mal fadadas no presente, confirmando ser um solitário, mal-amado e um incompreendido em suas relações.

Nas duas músicas que destacamos neste estudo, o tema da solidão é frequente e quase sempre é desencadeado por seus dramas e decepções amorosas. Seus amigos ainda atestaram que a solidão, melancolia e os amores não correspondidos eram fontes de inspiração para a sua produção artística.

Concluindo, Tim era um ser humano sempre apaixonado e por ter sido rejeitado pelas mulheres se transformou num interprete e compositor multifacetado e visceral.

REFERÊNCIAS

- CEIA, Carlos. Literatura confessional. In: *Dicionário Literário*. Disponível: <http://www.edtl.com.pt/business-directory/6029/literatura-confessional/>. Acessado em 10.10.2015.
- CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alan. *Dicionário de símbolos*. 18ª edição Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2003, p.592
- Dicionário Longman*. 2ª ed. Company. Edinburgh Gate, Harlow/Essex, 2009, p. 340
- MACIEL, Sheila Dias. *Um circuito confessional na obra de Visconde de Taunay*. In: Tessituras, Interações, Convergências. ABRALIC - USP: São Paulo, 2008
- MAIA, Tim. *Azul da cor do mar*. 1970. Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/timmaia/azul-da-cor-do-mar.html>. Acessado em 26.08.2015
- _____. *Ninguém gosta de se sentir só*. 1982. Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/tim-maia/ninguem-gosta-de-se-sentir-so.html>. Acessado em 26.08.2015
- MARTINS, AnnaFaedrich. *Os perfis da Literatura de introspecção: O diário em Virgílio Ferreira e a autora na autoficção*. In.: Revista Desassossego. Junho- 2013, pp.123-139
- MICHEL; MENDONÇA, Gilson. *O descobridor dos sete mares*, 1983
- MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Ed. Cultrix, 2004, p. 49
- MOTA, Nelson (2007) *Vale Tudo. O Som e a Fúria de Tim Maia*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2007
- PÁRA-CHOQUE DE CAMINHÃO. *Tim Maia Disponível em* <http://parachoquedecaminhao.com.br/Tim_Maia.htm> Acesso em 12 de outubro de 2015.
- ROLÓN, Juan Senon, 1970, *apud* MOTTA, Nelson (2007) *Vale Tudo. O Som e a Fúria de Tim Maia*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2007, p.57
- SANDER, Lúcia. V. O caráter confessional da literatura de mulheres. In.: JAMIS, Rauda (1985), *Frida Kahlo. Autorretrato de uma mujer*. Portugal: Quetzal Editores, 1985.